

# A NOVA FACE DA VELHA BARBÁRIE

Ariovaldo Oliveira Santos\*

## Resumo:

O presente artigo tem como finalidade, partindo da definição primeira de barbárie, analisar o sentido que ela possui na sociedade contemporânea. Neste sentido, elege-se como ponto de partida para pensar a barbárie contemporânea algumas considerações de Marx e Engels sobre o desenvolvimento do capitalismo, buscando demonstrar como as tendências regressivas no plano da sociabilidade humana continuam ativas. O artigo procura, também, apresentar alguns elementos que configuram a barbárie contemporânea e o papel que a ideologia de classe vem cumprindo dentro deste processo.

**Palavras chave:** barbárie, trabalho, ideologia, classe social.

# THE NEW FACE OF THE OLD BARBARISM

## Abstract:

The present article aims, considering the first definition of barbarism, to analyse the meaning of that concept in the contemporary society. The starting point to think the contemporary barbarism is some Marx and Engels considerations about the capitalism development, that demonstrate how regressive tendencies in the human sociability plan are still actives. The article intends also to present some elements that configure the contemporary barbarism and the role that the class ideology accomplish inside this process.

**Key words:** barbarism, labour, ideology, social class.

---

\* Professor do Departamento de Sociologia, da Universidade Estadual de Londrina (UEL); autor dos livros: 1) Concertação e Luta de Classes: o sindicalismo norte-americano. 1. ed. Londrina: Editora Praxis, 2004; 2) Marx, Engels e a Política de Partido na I Internacional. Editora da UEL, 2002; 3) Trabalho e Globalização: a Crise do Sindicalismo Propositivo. Marília: Editora Praxis, 2001; *Email:* arioliveira2001@yaboo.com.br

## Introdução:

A palavra barbárie tinha por um de seus princípios definir as nações não gregas, consideradas como primitivas, incultas, além de atrasadas e brutais. No transcorrer dos séculos que separam a sociedade grega da nossa, contemporânea, barbárie tornou-se uma espécie de sinônimo para os atos ou situações de extrema crueldade, perpetrados contra indivíduos ou coletivos de pessoas e nos quais há a produção deliberada de sofrimento e, em geral, morte. Contudo, seria limitado reduzir a problemática da barbárie à identificação de cenas de horror associadas a assassinatos, chacinas e demais formas brutais de atentado à vida humana, inclusive em situação de guerra. Este caminho já é o adotado pelo pensamento da vida cotidiana.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> “Ao serem presos ontem pelo assassinato de um garçom, cinco acusados do homicídio riram e fizeram piadas com a sorte da vítima. "Ele foi tarde é um peso a menos na Terra", disse, rindo, a acusada Daniela Cristina Floriano, de 21 anos. Ela ainda completou, irônica. "Ele vai abraçar o capeta." Daniela não conhecia a vítima, o garçom Sebastião Vieira de Camargo, de 40 anos, morto com um tiro durante assalto a uma lanchonete, no centro de Sorocaba há um mês (...) Ela se passou por cliente e tentou comprar um lanche quando o bar estava fechando. O namorado da jovem, André Luis Cabral Horvath, anunciou o assalto e o garçom teria tentado fechar a porta. Baleado no rosto, Camargo ficou 11 dias internado, mas não resistiu. O criminoso desdenhou da possibilidade de pegar uma pena alta. "Vai ser chocolate", disse. Ao ser preso, confessou friamente o crime e arrematou: "Antes ele do que eu" (...) Outros dois presos, Sabrina Oliveira Santos e Wagner Francisco de Paula, eram funcionários da lanchonete e passaram informações para o assalto. Cléber

Tipologias são igualmente problemáticas, uma vez que restritivas da complexidade que comporta o problema proposto e por trabalharem, em geral, com o que consideram os elementos mais significativos do objeto em análise. É o caso da tipologia proposta por Michael Lowy. No intuito de definir o caráter da barbárie moderna, o autor apresenta as seguintes características constitutivas da barbárie:

*“utilização de meios técnicos modernos. Industrialização do homicídio. Exterminação em massa graças às tecnologias científicas de ponta (...) Impessoalidade do massacre. Populações inteiras – homens e mulheres, crianças e idosos – são ‘eliminados’, com o menor contato pessoal possível entre quem toma a decisão e as vítimas (...) Gestão burocrática, administrativa, eficaz, planejada, ‘racional’ (em termos instrumentais) dos atos bárbaros (...) Ideologia legitimadora do tipo moderno: ‘biológica’, ‘higiénica’, científica’ (e não religiosa ou tradicionalista)” (LOWY:2000:49-50).*

---

Cardoso Muniz fazia parte do bando. Nenhum deles tinha antecedentes criminais. A forma banal como trataram o crime e a frieza demonstrada na confissão deixaram indignado o delegado José Ordele. Ele decidiu se inscrever como testemunha da conduta dos criminosos. "Falam do crime como se fosse algo corriqueiro, não demonstrando nenhum arrependimento ou vergonha. É o cúmulo do desprezo pela vida de outra pessoa", desabafou. Assassinos fazem piada com vítima e revoltam delegado, in Yahoo Notícias, sábado, 27 de outubro de 2007, <http://br.noticias.yahoo.com/s/27102007/25/manc-hetes-assassinos-piada-vitima-revoltam-delegado.html>

A tipologia proposta se torna tanto mais problemática por não introduzir na análise o caráter de classe contido na ação, uma vez que não se está, aí, no domínio de um fato isolado e sim daquele orquestrado e reconhecido como legítimo pelo aparelho de Estado ou a ausência aparente do mesmo. Existem relações sociais reais que lhe fornecem a base de instrumentalização. Pode-se mesmo questionar a maioria das características avançadas por Lowy. Além de uma leitura que atrela a barbárie moderna à técnica ou à racionalização dos procedimentos, os elementos apresentados não se sustentam. Sobretudo se observado que os grandes extermínios verificados no século XX foram efetivados por meio de procedimentos bastante tradicionais: morte por intoxicação de gás-carbônico ou tiro na nuca, no caso do nazismo.

Partimos aqui de uma hipótese, que não é nova, mas que precisa ser resgatada: *compreender a barbárie e seus signos modernos passa, necessariamente, pela compreensão da materialidade social. No caso em curso, a materialidade do capital.* Se nos desprendermos deste elemento central para pensarmos a barbárie moderna, toda a reflexão sobre o problema perde seu sentido uma vez que vai progressivamente sendo pautado pelo campo das abstrações vazias. No entanto, se situar a questão entrelaçando-a com o domínio do capital é essencial,

igualmente fundamental é a compreensão dos mecanismos que a sustentam a fim de que possam ser construídos caminhos para superá-la. E, neste sentido, o problema tem sido continuamente simplificado, indo da consciência ecológica até uma vida espiritual, mística, mais elevada..

Articulada pela dinâmica do capital, a apreensão do caráter da barbárie moderna exige um esforço coletivo, dada sua complexidade. Afinal, de um lado, é evidente a proliferação de formas regressivas da sociabilidade, no plano físico e mental dos indivíduos, além daquele que concerne às condições mesmas do intercâmbio do ser com a natureza. É expressivo disto a generalização entre os jovens não do português falado e escrito e sim de uma linguagem que, do prisma da humanidade genérica é, na realidade, um “dialeto”: *pô meu, ihh cara, qualé mano, nossa fio, caraca, etc.* Alia-se a isto as campanhas de caça às latinhas, caça a papel e tantas outras, nas quais os indivíduos, para além de descobrirem que conseguem ganhar uns trocados no ato proposto (sem o que também provavelmente não abraçariam a causa) se apresentam como amigos da ecologia e do futuro da humanidade, como se a dilapidação dos recursos naturais decorre-se apenas de uma má consciência e não do desenvolvimento das forças produtivas sob controle dói capital. Ao mesmo tempo,

assiste-se a um desenvolvimento sem precedentes das forças produtivas, criando as condições para a efetivação futura da humanidade em bases verdadeiramente humanas.

Assim, pensar a barbárie, hoje, para estabelecermos um recorte em nossa análise, implica ter em consideração a totalidade social e não apenas aspectos isolados no interior do complexo, elegendo, em um momento as novas tecnologias, em outro os sindicatos, ou ainda o Estado, os governos e, no patamar mais baixo de reflexão, as individualidade, tais como Lula e Fernando Henrique Cardoso.

É, de resto, à luz da totalidade social que Marx e Engels buscaram refletir sobre o problema da barbárie. À luz da totalidade é que acentuam o caráter contraditório que atravessa todo o processo civilizatório, inclusive resgatando o papel importante desempenhado pela violência na história. Enquanto que, de um lado, a violência desempenhou na história um papel até certo ponto revolucionário, pois impulsionou a vida social para modos de produção mais desenvolvidos, por outro, ela acentuou traços destruidores da civilização, que só podem ser superados em uma forma

de sociabilidade que esteja para além das revoluções políticas, isto é, aquelas que se restringem a estabelecer um novo reordenamento de classes em vez de caminharem para a superação das mesmas. Mais ainda, impossível pensar em uma saída da barbárie sem problematizar e encontrar,

ao mesmo tempo, um salto para além das classes, da propriedade privada e do Estado, da lógica da produção de valores de troca, do trabalho abstrato, enquanto momentos constitutivos de um complexo.

A formulação da barbárie remete, na

perspectiva marxiana e marxista clássica, ao reconhecimento básico de momentos de regressão no interior de uma totalidade que amplia as potencialidades humanas e, conseqüentemente, as perspectivas de efetivação do ser social dotado de omnilateralidade. Por outras palavras, trata-se de identificar a regressão do humano nas fileiras mesmo do processo civilizatório mais geral. Dentre os vários momentos nos quais podemos resgatar este pressuposto, encontra-se a passagem de Marx em Os Grundrisse, onde afirma:

*É expressivo disto a generalização entre os jovens não do português falado e escrito e sim de uma linguagem que, do prisma da humanidade genérica é, na realidade, um “dialeto”: pô meu, ihb cara, qualé mano, nossa fio, caraca, etc.*

e ideologia. É, também, um fato real quando se considera a transformação do capital em capital globalizado, que está bastante distante da dimensão inicialmente atribuída por Marx e Engels quando faziam referência ao *mercado mundial*. Para além dos preconceitos, é necessário resgatar o que há de núcleo racional dentro daquilo que consideramos apenas ideologia, pois, como dizia o próprio Marx, “há uma realidade na base de todo erro”<sup>2</sup>.

O caráter contraditório da barbárie produzida pelo capital pode ser resgatado em vários momentos da obra marxiana e engelsiana, ficando aqui, apenas a título de exemplo, o Manifesto do Partido Comunista, o Discurso no Aniversário do People’s Paper<sup>3</sup> e o capítulo Da Acumulação

---

<sup>2</sup> MARX, K. *La Sainte Famille*, Éditions Du Progrès, Paris, 1972, p. 37.

<sup>3</sup> “Há um grande fato, característico deste nosso século XIX, um fato que nenhum partido ousa negar. Por um lado, despontaram para a vida forças industriais e científicas, de que nenhuma época da história humana anterior alguma vez tinha suspeitado. Por outro lado, existem sintomas de decadência que ultrapassam de longe os horrores registrados nos últimos tempos do Império Romano (...) Nos nossos dias, tudo parece prenhe do seu contrário. Observamos que maquinaria dotada do maravilhoso poder de encurtar e de fazer frutificar o trabalho humano o leva à fome e a um excesso de trabalho. As novas fontes de riqueza transformam-se, por estranho e misterioso encantamento, em fontes de carência. Os triunfos da arte parecem ser comprados à custa da perda do caráter. Ao mesmo ritmo que a humanidade domina a natureza, o homem parece tornar-se escravo de outros homens ou da sua própria infâmia. Mesmo a luz pura da ciência parece incapaz de brilhar a não ser sobre o fundo escuro da ignorância. Todo o nosso engenho e progresso

Primitiva, contido em *O Capital*. Para Marx, por exemplo, o processo de formação e nascimento da sociedade capitalista, que envolveu a escravização dos negros, extermínio de indígenas e guerras de conquista coloniais registrou “barbáries e atrocidades execráveis” sem “paralelo em qualquer outra era da história universal, em nenhuma raça por mais selvagem, grosseira, impiedosa e sem pudor que ela tenha sido” (MARX, K, *Le Capital*, vol I, p. 557-558, 563). E complementa, em outro momento, referindo-se às leis dos pobres ou os *workhouses*, verdadeiras “bastilhas de operários”: “A barbárie reapareceu, mas desta vez ela é engendrada no próprio seio da civilização e é parte integrante dela. É a

---

parecem resultar na dotação das forças materiais com vida intelectual e na redução embrutecedora da vida humana a uma força material. Este antagonismo entre a indústria e a ciência modernas, por um lado, e a miséria e a dissolução modernas, por outro; este antagonismo entre os poderes produtivos [*productive powers*] e as relações sociais da nossa época é um fato palpável, esmagador, e que não é para ser controvertido. Alguns partidos podem lamentar-se disso; outros podem desejar ver-se livres das artes modernas, a fim de se verem livres dos conflitos modernos. Ou podem imaginar que tão assinalável progresso na indústria requer que seja completado por uma igualmente assinalável regressão na política. Pela nossa parte, não nos engana a forma do espírito astucioso que continua a marcar todas estas contradições. Sabemos que, para trabalharem bem, as novas forças da sociedade apenas precisam de ser dominadas por novos homens — e os operários são esses [novos homens]. Eles são tanto uma invenção dos tempos modernos como a própria maquinaria. MARX, K. Discurso no Aniversário do “The People’s Paper.” <http://www.marxists.org/portugues/marx/1856/04/14.htm>.

barbárie leprosa, a barbárie como lepra da civilização” (Marx, K, apud LOWY:2000:47).

Igualmente importante é observar que a barbárie moderna, enquanto manifestação da vida social, atinge a totalidade dos indivíduos, de modo a absorver tanto o universo do trabalho quanto o universo burguês. Com uma diferença: para o burguês, a barbárie se coloca como expressão de uma vida alienada pela de realizações e vida, enquanto para o trabalhador, não tem outro sentido que o de despossessão total<sup>4</sup>.

Hoje, com as imensas informações disponíveis, é possível visualizar a extensão da barbárie do capital, entendida como regressão do ser social no plano da humanidade genérica para a qual deveria ter sido conduzido o processo civilizatório. Afinal, as guerras deixam de ser cada vez mais confrontos armados imperialistas para tornarem-se o terreno das mais amplas bestialidades. Ao lado delas, fome, misérias

---

<sup>4</sup> O proletariado e a riqueza são contrários. Como tais, eles constituem uma totalidade. Os dois são formações do mundo da propriedade privada. A questão é de saber qual o lugar determinado cada um deles ocupa dentro desta contradição. Dizer que são duas faces de um todo não é suficiente [...] A classe possuidora e a classe proletária representam a mesma alienação humana. Mas a primeira se sente à vontade nesta alienação; ela encontra nisto uma confirmação, ela reconhece nesta alienação de si *sua própria potência*, e possui nela a *aparência* de uma existência humana; a segunda se sente aniquilada nesta alienação, e vê nisto sua impotência e a realidade de uma existência inumana” MARX, K. *La Sainte Famille*, Éditions Du Progrès, Paris, 1972, p. 47.

generalizadas, ressurgimento de epidemias e mesmo as catástrofes naturais deixaram de ser inorgânicas e integram-se ao próprio sentido que foi dado ao desenvolvimento pelo capital.

Assim, do ponto de vista empírico imediato, apreender os elementos de barbárie no mundo moderno, sempre entendido enquanto civilização do capital, e não como pura abstração, como acontece, por exemplo, na literatura contemporânea sobre modernidade de expoentes como Alain Touraine, Anthony Giddens e Domenico De Masi, entre outros, não se constitui em tarefa classificada como impossível.

Entretanto, mais sutis são as determinações que sustentam esta nova barbárie, às quais não têm sido suficientemente analisadas e, sem as quais se torna impossível compreender porque o capital domina e continua dominando, mesmo quando se evidencia que esta hegemonia compromete cada vez mais a existência da própria espécie humana, como minuciosamente analisou e vem analisando István Mészáros.

Hoje, mais do que nunca, o capital precisa operacionalizar com o princípio da manipulação, da sedução e da integração, para poder gerar aquilo que está nas suas entranhas: a produção de valor. Princípios tanto mais necessários uma vez que para

produzir valor, o capital continua e continuará tendo a necessidade de ancorar-se no trabalho, o que coloca as classes no primeiro plano, contrariando assim aqueles que,

ideologicamente, decretaram o fim das mesmas em prol de outras formas de manifestação da vida social. Assim, nos últimos anos, a importância das classes foi sendo dissolvida por

análises que priorizam os movimentos sociais (Alain Touraine), os agentes (Pierre Bourdieu), a multidão (Antonio Negri e Michael Hardt) e a comunidade (Zigmunt Bauman) e mesmo os indivíduos (Anthony Giddens), para não falarmos da “não-classe dos não-trabalhadores”, defendida por André Gorz como os novos protagonistas da história.

É sempre necessário, caso quisermos compreender a dinâmica da vida social, compreender o movimento da sua totalidade, partindo de sua base material, da qual não podemos nos separar senão na imaginação. Mas, compreender esta totalidade implica, igualmente, compreender seus mecanismos e

*É sempre necessário,  
caso quisermos  
compreender a dinâmica  
da vida social,  
compreender o  
movimento da sua  
totalidade, partindo de  
sua base material, da  
qual não podemos nos  
separar senão na  
imaginação*

elementos constitutivos e, hoje, a conquista das consciências para a ordem do capital passou a integrar de modo orgânico às necessidades de produção e reprodução da atual forma de sociabilidade. Há um embate, sutil e sofisticado, por vezes, que tem como resultante, referendar o mundo do capital como o melhor dos mundos possíveis e desejáveis, sem o que o princípio da manipulação, sedução e integração não pode ser operacionalizado. Veja-se, por exemplo, a importância dada pelas grandes corporações aos lobistas, cuja finalidade primeira é a de demonstrarem que produtos nocivos à saúde, mesmo que ingeridos em pequena quantidade durante um período de tempo, constituem elementos de vitalidade para todas as gerações.

Quais são os signos da barbárie moderna sob o impulso do capital? Sem priorização de ordem de importância, uma vez que estamos lidando com complexos de complexos, assistimos a uma profunda *naturalização do mundo*. Progressivamente ele perde, no campo da aparência social, sua historicidade, e nos confrontamos com as coisas da vida social como se fossem coisas do mundo natural. Daí, também, a progressiva perda de capacidade de se indignar ou de estabelecer compromissos de

ordem transformadora uma vez que, como dentro de uma leitura fatalista, “sempre foi” assim ou “sempre será assim”.

A necessidade de um campo ideológico cada vez mais amplo, capaz de manipular a realidade social, tornando-a adequada à própria ordem de produção e reprodução do capital. Necessidade tanto maior que este processo de ideologização do mundo tem invadido não apenas o espaço das relações de trabalho mas, ainda, o escolar e, enfim, a tranqüilidade dos lares das boas famílias, através de programações que buscam estabelecer a legitimidade deste mundo que aí está ou então tornar cada um responsável pela incontabilidade do processo que é posto e repostado em marcha pelo capital.

Está em curso uma luta ideológica sem precedentes dentro da história, pela dimensão universal que vai atingindo, onde a finalidade primeira é garantir ou retomar as rédeas do status quo. Isto é possível de ser verificado em uma recente matéria da revista *Época*, intitulada *O que estão ensinando às nossas crianças?*

Em um primeiro momento, tem-se a impressão de que a finalidade é aprofundar, nas crianças, a possibilidade do ensino crítico, a julgar pela frase: “Boa parte dos livros didáticos apresenta *distorções ideológicas*. Por que elas existem e como comprometem a

educação. Mas, quais são as respostas às críticas dos limites encontrados? O resultado é igualmente ideológico. Resgata-se aqui, apenas um dos momentos da construção dessa contra-ideologia ideológica.

Diz a matéria:

*“Alguns livros didáticos do Estado do Paraná reduzem o mundo a um conflito entre as elites dominantes e os povos dominados”<sup>5</sup>*

“O que falta”, segundo a matéria? A resposta é simples:

*“As pessoas exercem vários papéis nas sociedades democráticas. As elites no governo são eleitas pela própria população. Os consumidores têm cada vez mais poder sobre as empresas, exigindo que seus direitos sejam respeitados e cumpridos. Pela bolsa de valores os cidadãos podem ser acionistas das grandes empresas, obtendo parte dos lucros”<sup>6</sup>.*

Assim, se há a barbárie, há um campo no qual ela está sendo travada, também, que não é apenas o do mercado financeiro ou da produção na fábrica. Está no pensamento cotidiano e, inclusive nos desenhos infantis, os quais analisaremos em outra oportunidade.

---

<sup>5</sup> *Época*, n.º 492, 22 de outubro de 2007, p. 67.

<sup>6</sup> Id. *Ibidem*, p. 67.